

A HISTORICIDADE DAS CRÔNICAS: UM DEBATE SOBRE A CORRELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, CRÔNICA E MEMÓRIA.

Felipe Sanches Santos Barbosa¹

RESUMO

Em nosso artigo, estabelecemos uma conexão entre as pesquisas historiográficas e os elementos centrais do gênero literário conhecido como Crônica. Reconhecendo os textos literários como documento e apreendendo estes como testemunhas expressivas de estruturas sociais específicas, desta forma, atribuindo-lhes uma historicidade. A intenção é perceber as potencialidades da Literatura como base documental para uma investigação de caráter histórico e social. Ademais, a partir da correlação entre Crônica e História, compreendendo-a como manifestação subjetiva da mentalidade individual e coletiva, debatem-se aspectos da memória. Com isso, visamos ampliar a compreensão das Crônicas como valiosos registros que podem contribuir significativamente para a construção do conhecimento histórico.

Palavras-chave: História. Crônicas. Literatura. Memória.

THE HISTORICITY OF THE CHRONICLES: A DEBATE ON THE CORRELATION BETWEEN HISTORY, CHRONICLE AND MEMORY.

ABSTRACT

In our article, we establish a connection between historiographic research and the central elements of the literary genre known as Chronicle. Recognizing literary texts as documents and understanding them as expressive witnesses of specific social structures, thus attributing them historicity. Our intention is to perceive the potential of literature as a documentary basis for historical and social investigations. Furthermore, through the correlation between Chronicle and History, understanding it as a subjective manifestation of individual and collective mentality, we discuss aspects of memory. By doing so, we aim to expand the understanding of Chronicles as valuable records that can significantly contribute to the construction of historical knowledge.

Keywords: History. Chronicles. Literature. Memory

LA HISTORICIDAD DE LAS CRÓNICAS: UN DEBATE SOBRE LA CORRELACIÓN ENTRE HISTORIA, CRÓNICA Y MEMORIA.

RESUMEN

En nuestro artículo, establecemos una conexión entre las investigaciones historiográficas y los elementos centrales del género literario conocido como Crónica. Reconociendo los textos literarios como documentos y entendiendo que son testigos expresivos de estructuras sociales específicas, atribuyéndoles así una historicidad. Nuestra intención es percibir las potencialidades de la literatura como base documental para una investigación de carácter histórico y social. Además, a partir de la correlación entre Crónica e Historia, comprendiéndola como una manifestación subjetiva de la mentalidad individual y colectiva, debatimos aspectos de la memoria. Con esto, buscamos ampliar la

¹Mestre (2022) e doutorando em História pela Universidade Salgado de Oliveira – Campus Niterói/RJ, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pós-graduado em Ciências Sociais pela Faculdade Focus (2022), atuando principalmente nos seguintes temas: França Antártica; Alteridade; Jean de Léry; André Thévet; Literatura de viagens quinhentistas; Crônicas; Poder e Discurso; Materialismo Histórico Dialético; Memória e História; Identidade e Representações. E-mail: felipesanches.santos@gmail.com

A HISTORICIDADE DAS CRÔNICAS: UM DEBATE SOBRE A CORRELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, CRÔNICA E MEMÓRIA.

comprensión de las Crónicas como valiosos registros que pueden contribuir significativamente a la construcción del conocimiento histórico.

Palabras clave: Historia. crônicas. Literatura. Memoria.

Introdução

História e Literatura

Antes de abordarmos especificamente a relação entre a Crônica e a História, é necessário estabelecer uma conexão entre o conhecimento histórico e o mundo literário. Esse diálogo emergiu em meio às grandes transformações observadas no campo historiográfico, ao longo do século XX. Com o surgimento da Nova História Cultural, a ciência histórica passou por mudanças significativas, resultando em uma renovação dos métodos e técnicas historiográficas. Essa transformação não se limitou apenas ao campo conceitual da história e ao seu escopo temático, mas também redefiniu a noção de tempo, ampliou as ferramentas de trabalho e diversificou os temas abordados. Em suma, esses desenvolvimentos no campo historiográfico surgiram a partir de debates interdisciplinares, que promoveram trocas e diálogos enriquecedores, estabelecendo pontos de contato, muitas vezes conflitantes, com outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Antropologia, a Geografia e outros campos. Nesse contexto, conforme apontado por Peter Burke, o diálogo entre História e Literatura se desenvolveu principalmente a partir da década de 1970.² No Brasil, Sandra Pesavento observou que esse diálogo ganhou força a partir dos anos 1990 e hoje é uma temática relevante em relação às pesquisas e trabalhos publicados.³

Ao considerarmos o campo da interdisciplinaridade, Michel de Certeau argumenta que a historiografia é sempre um processo de fabricação, deslocando assim a linguagem de um lugar neutro, de mera ferramenta de comunicação e suporte do pensamento, e colocando-a como discurso, o que ele chama de "Operação Historiográfica".⁴ Sendo assim, tanto a Literatura quanto a História são formas de narrativa, mas apesar de se aproximarem nesse sentido, existe uma diferença fundamental entre elas: a História possui um caráter epistemológico, que é moldado pelas metodologias e paradigmas teóricos que o historiador utiliza como instrumentos para construir sua narrativa. Em outras palavras, um historiador que busca realizar um trabalho

² Cf. BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

³ PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 2.

⁴ Cf. CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

historiográfico não pode inventar personagens ou situações, por mais que elas sejam passíveis de ter acontecido em determinado momento. Por outro lado, a escrita literária tem um caráter anedótico, permitindo que o escritor se aproprie do contexto e crie as situações que desejar dentro dele, visando atrair seu público.

Em seu livro “A Ordem dos Livros”, Roger Chartier baseia-se nas ideias de Michel de Certeau para discutir a existência de duas dimensões distintas: o texto escrito e as leituras que dele emergem. Segundo Chartier, o texto escrito não é meramente composto por um significado inicial e verdadeiro, construído pelo autor e que cabe apenas ao leitor desvendar. Pelo contrário, o texto escrito é sempre um espaço de discurso, um campo de conflito que não pode ser analisado isoladamente da sociedade. As leituras, por sua vez, são produções de significado elaboradas pelo leitor com base nos códigos culturais disponíveis, sendo também inseparáveis do contexto social.⁵

Com base nessas premissas, ao optar por utilizar a Literatura como fonte, o historiador deve tomar as mesmas precauções que adota ao lidar com qualquer outra categoria de fonte. Além disso, é fundamental compreender que uma obra literária é a expressão tanto do autor quanto de sua época e de seus leitores. Não se pode conceber a Literatura sem levar em consideração sua recepção e o contexto em que foi produzida.

As Crônicas de Viagens

A palavra "crônica" tem sua origem na palavra grega "khrónos", que significa tempo. A partir de "khrónos", surgiu o termo "chronikós", que significa "relacionado ao tempo". No latim, existia a palavra "chronica", que era usada para designar o gênero que registrava eventos históricos verdadeiros em uma sequência cronológica, sem aprofundamento ou interpretação dos fatos. Como podemos observar pela origem de seu nome, a crônica é um gênero textual que existe desde a Antiguidade Greco-Romana e tem passado por transformações ao longo do tempo. Os primeiros cronistas, justificando o nome do gênero que praticavam, relatavam principalmente eventos históricos relacionados a pessoas importantes, como reis, imperadores e generais, tradição que se manteve durante a Idade Média.

Na Época Moderna, as viagens realizadas durante a colonização europeia em terras americanas, deixaram uma herança literária, cartográfica e iconográfica, constituída

⁵ Cf. CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa Entre os Séculos XIV e XVIII**. 2 ed., 1998. **Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 03 – 20, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

A HISTORICIDADE DAS CRÔNICAS: UM DEBATE SOBRE A CORRELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, CRÔNICA E MEMÓRIA.

principalmente por mapas, ilustrações, relações de viagens e crônicas. Tais relatos e produções dispõem de um caráter multidisciplinar e têm como pano de fundo comum o desvendar da alteridade humana e geográfica, constituindo em seu conjunto, uma representação do “outro” de uma natureza exótica. São cartas náuticas, diários de navegação, relatos de viagens, crônicas de conquista que, juntos, formam o que Antônio José Saraiva e Oscar Lopes chamam de “Literatura de Viagens”, expressão que caracteriza como gênero literário este grande corpus textual demarcado cronologicamente entre os séculos XV e XVI.⁶ Durante esse período, exploradores e viajantes europeus embarcaram em jornadas exploratórias. Ao retornarem de suas viagens, eles frequentemente escreviam relatos detalhados dessas experiências, descrevendo as terras desconhecidas, os encontros com povos nativos, os aspectos geográficos e as peculiaridades culturais.

Há muito a historiografia se empenha no estudo das Crônicas de Viagens. Cristóvão Colombo, o famoso navegador genovês, escreveu relatos de suas viagens e descobertas nas cartas e diários que enviou aos reis da Espanha. Suas obras, como *Carta a Luis de Santangel* e *Diário de Bordo*, são muito utilizados em estudos sobre a primeira chegada europeia ao continente americano. Outro exemplo notável, é o cronista espanhol Bernal Díaz del Castillo, que participou da conquista do México ao lado de Hernán Cortés. Sua obra *História Verdadeira da Conquista da Nova Espanha* é uma narrativa detalhada dos eventos ocorridos durante essa empreitada histórica. O relato de Díaz del Castillo oferece uma visão única sobre a vida cotidiana dos invasores, bem como sobre a cultura e a sociedade asteca antes da invasão espanhola.

Falando mais especificamente sobre a análise das crônicas de viajantes, Ana Paula Dias diz que a literatura de viagens estava intimamente ligada à representação do “outro”:

Em linhas muito gerais, pode considerar-se que este *corpus* é integrado por obras redigidas, não por escritores (na moderna acepção da palavra), mas por participantes ou testemunhas presenciais dos acontecimentos narrados e que se identificam por uma temática comum- a descrição da alteridade geográfica e humana que a experiência ultramarina proporcionou, a revelação pela escrita de uma paisagem exótica (oriental e tropical) e da imagem do Outro, de uma humanidade diferente, com culturas, crenças, governos e costumes próprios. Situam-se, assim, num cruzamento interdisciplinar e constituem um dos patrimônios culturais mais ricos que o Renascimento legou à Humanidade.⁷

⁶ Cf. DIAS, Ana Paula. Diário de navegação de Pro Lopes de Souza: A Representação do real e os filtros de representação. **Letras & Letras**, Projeto Vertical, 1997.

⁷ DIAS, Ana Paula. Diário de navegação de Pro Lopes de Souza: A Representação do real e os filtros de representação. **Letras e Letras**. 1997. Disponível em:

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio39.htm>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 03 – 20, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

A autora também discorre sobre as especificidades na abordagem deste tipo de documentação:

Serão os critérios de recepção destes textos a desenvolver o sistema: o sentido genérico de "literatura de viagens" vai constituir-se a partir de um público que os recebeu em parte como históricos e em parte como entretenimento, acabando em última análise por ser definida como aquilo que os leitores e os escritores entenderam como tal. É um corpo de textos promovido por editores e leitores e não pode ser ignorado que esta seleção obedeceu a móbeis, conceitos e preconceitos dos seus promotores, pelo que na sua análise há que ter atenção às condicionantes externas e internas que lhes estão subjacentes – existem estereótipos políticos, religiosos e culturais que enformam as descrições feitas pelos seus autores. Quando chegavam a um mundo novo, interpretavam-nos em função de ideias feitas que tinham- mas, obviamente, este não é um problema exclusivo da literatura de viagens, dado que o literário aparece inevitavelmente ligado ao espaço, ao tempo e ao modo e ao longo da história sempre existiram problemas com a edição de textos, a censura e auto-censura.⁸

Sobre crônicas relacionadas ao território brasileiro, podemos destacar as obras de dois franceses que relataram suas experiências transcorridas na França Antártica (tentativa de colonização francesa na Baía de Guanabara): André Thévet (1516-1590) e Jean de Léry (1534-1611).

André Thévet nasceu na cidade de Angoulême, em 1516, de origem humilde, Thévet ingressou no convento franciscano de sua cidade aos dez anos, tornando-se frade, escritor e cosmógrafo. Em 10 de novembro de 1555, a mando do rei Francisco (1494-1547), Thévet partiu com o Almirante Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1571) o objetivo era estabelecer uma colônia francesa no Brasil. Devido a problemas de saúde, ele retornou à França em 31 de janeiro do ano seguinte. Em 1557, em Paris, publicou sua principal obra: *Lés singularités de la France Antarctique*.⁹ que foi posteriormente traduzida para o português como *Singularidades da França Antártica* por Estevão Pinto (1895- 1968) em 1944.

Jean de Léry nasceu em La Margelle em 1534. Sua adesão ao calvinismo indica que ele provavelmente pertencia à burguesia, pois esse grupo foi um dos primeiros a aderir à Reforma Protestante. Em 1557, antes de completar seus estudos teológicos e se tornar um ministro, Léry foi convidado a participar de uma expedição ao Brasil para auxiliar na fundação da França Antártica. Sua crônica, intitulada *Historie d'un voyage faict en la tere du Brésil*,¹⁰ foi composta

⁸ DIAS, Ana Paula. **Diário de navegação** de Pro Lopes de Souza.

⁹ Cf. LESTRINGANT, Frank. oficina do cosmógrafo – A imagem do mundo no Renascimento. Trad. E. Missio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

¹⁰ Tais informações biográficas foram extraídas da nota de Paul Gaffarel que compõe a edição do texto de Léry a qual trabalhamos. Cf. LÉRY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. **Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 03 – 20, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

A HISTORICIDADE DAS CRÔNICAS: UM DEBATE SOBRE A CORRELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, CRÔNICA E MEMÓRIA.

e publicada apenas 20 anos após seu retorno à Europa, em 1578, durante o conflito das Guerras de Religião entre católicos e protestantes. A obra teve várias edições em francês e algumas em latim ao longo de cem anos. No século XIX, foi traduzida para o português no Brasil por Sérgio Milliet com o título *Viagem à terra do Brasil*.

Dentre os estudos sobre essas crônicas, destacamos o artigo intitulado *Imaginária França Antártica*, em que Monique Augras se refere aos relatos da seguinte maneira:

Na atual reavaliação dos propósitos e da epistemologia da antropologia moderna, os autores franceses estão concordes e consideram as primeiras narrativas de Viagem ao Novo Mundo como mito fundador de sua ciência.¹¹

E ao se referir a Thévet e Léry a autora afirma:

Ao dar conta das novidades, das coisas jamais vistas nem ouvidas, desenham um mundo ao mesmo tempo absurdo e sedutor e acabam criando uma personagem que terá grande êxito no palco do pensamento ocidental: o Bom Selvagem. Nesse sentido a par de fornecerem preciosas informações etnográficas esses autores situam-se claramente como indicadores de ampla vertente do pensamento antropológico.”¹²

Nessa perspectiva, os textos de Léry e Thévet são interpretados como componentes precursores do pensamento antropológico.

Michael de Certeau, no texto *Etno-grafia. A oralidade e ou o espaço do outro: Léry*, reconhece que:

[...] Mesmo que sejam o produto de pesquisas, de observações e de práticas estes textos permanecem relatos que um meio se conta. Não se pode identificar estas “lendas” científicas com a organização das práticas. Mas indicando a um grupo de letrados o que “devem ler”, recompondo as representações que eles se dão, estas “lendas” simbolizam as alterações provocadas numa cultura pelo seu encontro com uma outras. As experiências novas de uma sociedade não desvelam sua “verdade” através de uma transparência destes textos: são aí transformadas segundo leis de uma representação científica própria da época.¹³

Deste modo, segundo Certeau, é importante reconhecer que a representação do "outro" feita por Léry não deve ser considerada como uma representação do "outro" de fato. Isso ocorre porque essas representações são construídas através da dinâmica do encontro entre culturas.

Para Frank Lestringant, os discursos de Léry esvaziavam os significados da cultura indígena e que pretensão tom de objetividade ou elogio servia de estratégia retórica:

¹¹ AUGRAS, Monique. *Imaginária França Antártica*, In: PIZARRO, Ana. **América Latina**: palavra, literatura e cultura. Campinas: Unicamp, 1994, p. 20.

¹² AUGRAS, Monique. *Imaginária França Antártica*, In: PIZARRO, Ana. **América Latina**: palavra, literatura e cultura. Campinas: Unicamp, 1994, p. 21. L

¹³ CERTEAU, Michael de. *Etnografia. A oralidade ou o espaço do outro: Léry*. In. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982, p. 213.

De modo que a impressão de inocência que se desprende da História poderia ser enganosa. Trata-se sobretudo de um efeito da retórica que visa acusar por ricochete a perversidade bem maior da Europa. Em vez de realidade, um artifício, mais poderoso na medida em que se vale das desilusões da época.¹⁴

Analisando os escritos de Thévet, Lestringant comenta que:

[...] teremos, então, em quase todos os capítulos que compõem. As *Singularidades*, uma sequência binária associando uma “lição antiga” a um motivo de ordem etnográfica. O movimento se repete, operando indefectivelmente esta redução do desconhecido ao conhecido. Da estranheza primeira, vista e relatada, retorna-se à familiaridade de um texto lido e muitas vezes comentado. A conclusão substitui, assim, o Brasil dos Canibais pela Troia homérica ou a Cítia de Heródoto. Desta maneira, a empresa de Thevet-Héret não faz senão sistematizar uma tendência observável desde as primeiras narrativas sobre o Novo Mundo.¹⁵

Nesse sentido, os relatos de experiências e descrições são esforços para atribuir significado ao que parece estranho em relação a um mundo previamente concebido pelos autores.

As crônicas de viajantes levantam questões fundamentais para o estudo, não apenas da história das invasões europeias, mas também para a compreensão do próprio estatuto do indivíduo que se constituía naquela época, do qual herdamos nossas possibilidades de identidades nacional, coletiva, cultural, entre outras. Essas crônicas servem como ponto de partida para uma reflexão mais profunda sobre as relações entre representações da alteridade e os processos de formação de identidades, bem como suas interações com o discurso colonialista.

A Memória é Mutável

Consideramos importante apontar alguns aspectos relacionados à conexão entre Memória e Crônica e para isso abordaremos de maneira mais específica as obras de Jean Léry e André Thévet.

Inspirado pelas ideias de Martinho Lutero (1483-1546), João Calvino (1509-1564) publica, em 1536, a sua *Christianae religionis Institutio*, marco fundamental da Reforma

¹⁴ LESTRINGANT, Frank. De Jean de Léry a Claude Lévi-Strauss: Por uma arqueologia de Tristes trópicos. *Revista de Antropologia*. n. 43, v.2, 2000, p. 83.

¹⁵ “On aura donc, dans presque chacun des chapitres qui composent Les Singularités, une séquence binaire associant à un motif d’ordre ethnographique une ‘leçon antique’. Le mouvement se répète, opérant inlassablement cette réduction de l’inconnu au connu. De l’étrangeté première, vue et relatée, on retourne à la familiarité d’un texte lu et maintes fois commenté. La conclusion substitue alors au Brésil des Cannibales la Troie homérique ou la Scythie d’Hérodote. L’entreprise de Thevet-Héret ne fait en cela que systématiser une tendance observable dès les premiers récits concernant le Nouveau Monde”.LESTRINGANT, Frank. “Introduction”. In: THEVET, Les Singularités..., op. cit., p. 28.

A HISTORICIDADE DAS CRÔNICAS: UM DEBATE SOBRE A CORRELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, CRÔNICA E MEMÓRIA.

francesa. Os anos e décadas seguintes foram marcados por intensas disputas e guerras religiosas na França, que opunham católicos a protestantes.

A primeira publicação do livro de Jean de Léry foi em 1578, no entanto, entre a primeira organização de suas lembranças em forma escrita e a impressão, aconteceu o massacre conhecido como Noite de São Bartolomeu (23 de agosto de 1572): um ataque dos católicos, sob a égide da coroa francesa, contra os reformados, que se espalhou de Paris para várias cidades. Jean de Léry escapou com outros seguidores do calvinismo para a cidade de Sancerre. Lá, eles enfrentaram cerco, fome, violência e até mesmo casos de “canibalismo”. Em seguida, nosso cronista retornou para Genebra e supervisionou a impressão de inúmeras edições e traduções de seu livro.

Realizemos agora um exercício de reflexão; imaginemos quantas vezes Léry, em meio a um período de massacres religiosos na França, deve ter reescrito sua trajetória, utilizando sua memória e algumas anotações. É provável que esses relatos tenham sido amplamente modificados, não apenas devido à influência do contexto, mas também para agradar seus ouvintes.

O contexto de disputas religiosas da cristandade europeia marcou tanto o período, que logo no prefácio de seu livro, o calvinista Léry se referiu ao católico Thévet como “refinado mentiroso e um imprudente caluniador.”¹⁶ E argumentando sobre os motivos que o levaram a demorar 20 anos, desde sua volta à Europa, para publicar sua crônica, Léry afirma de forma contundente a intenção de contrapor-se a Thévet:

Na realidade havia ainda uma razão para isso: o fato de não me sentir à altura de usar a pena, embora ao chegar do Brasil, em 1558, fosse publicado o livro intitulado "Singularidades da América" redigido pelo Sr. De la Porte de acordo com as narrações e memórias de André 46 Thévet, e que, como bem observa o Sr. Fumée em seu prefácio à "História Geral das Índias", se apresenta prenhe de mentiras. E teria eu conservado o silêncio se o dito autor se houvesse contentado com essa série de erros. Mas, ao verificar, neste ano de 1577, pela leitura da "Cosmografia" de Thévet, que ele somente repetia suas mentiras e ampliava seus erros (sem dúvida na esperança de que todos estivéssemos enterrados ou não ousássemos contradizê-lo), mas ainda se valia da oportunidade de trair dos ministros e imputar mil crimes aos que como eu os acompanharam em 1566 à terra do Brasil, com digressões falsas e injuriosas, vi-me constringido a dar à luz o relato de nossa viagem.¹⁷

No prefácio, Léry evidencia que seu objetivo não era apenas relatar a realidade que vivenciou na Guanabara, mas sim contestar um desafeto e reivindicar para os seguidores da religião calvinista um discurso sobre a França Antártica. Percebemos, desta maneira, que a

¹⁶ LÉRY. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. p. 22.

¹⁷ LÉRY. *Viagem à terra do Brasil*, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. p. 23.

intenção de se contrapor a Thévet e, conseqüentemente, aos católicos, foi expressa de forma explícita e até declarada. Mas a contraposição não se deu apenas dessa forma, na maior parte da obra, Léry coloca sua contraposição aos católicos de forma implícita ou sugerida.

Segundo o relato de Léry, houve uma ocasião em que ele se encontrava perdido, juntamente com outros dois franceses, por dois dias e duas noites. Eventualmente, eles chegaram a uma aldeia chamada Panô, onde foram acolhidos pelos indígenas. Nesse momento, Léry realiza uma comparação e elogia a hospitalidade dos indígenas, enquanto também expressa críticas em relação aos europeus católicos:

Vendo-nos horrivelmente arranhados de espinhos demonstraram-nos grande compaixão, bem diferentes entre esses pretensos bárbaros a piedade formalística usada entre nós pelos que, para consolação dos aflitos, têm apenas palavras vãs. Trouxeram-nos água fresca e começaram (o que nos lembrou os costumes dos antigos) por lavar-nos os pés e as pernas.¹⁸

O tema da nudez indígena também é abordado, não apenas por curiosidade, mas usado para criticar a "ostentação" das vestimentas católicas:

Não é de meu intento, entretanto, aprovar a nudez contrariamente ao que dizem as Escrituras, pois Adão e Eva, após o pecado, reconhecendo estarem nus se envergonharam; sou contra os que a querem introduzir' entre nós contra a lei natural, embora deva confessar que, neste ponto, não a observam os selvagens americanos. O que disse é apenas para mostrar que não merecemos louvor por condená-los austeramente, só porque sem pudor andam desnudos, pois os excedemos no vício oposto, no da superfluidade de vestuário. Praza a Deus que cada um de nós se vista modestamente, mais por decência e honestidade do que por vanglória e mundanismo.¹⁹

É importante observar que, acima de tudo, a nudez não deixa de ser vista como um vício. No entanto, ela é relativizada diante do excesso do vício oposto, o qual é o foco de sua crítica. A nudez é mais do que um simples contraponto, é um instrumento retórico utilizado por Léry para reafirmar sua identidade religiosa cristã calvinista.

Contando sobre um determinado óleo tirado do fruto "curoc", Léry novamente compara:

Aliás esse unguento é excelente na cura de chagas, fraturas e outras dores do corpo humano; os selvagens, conhecedores de sua eficácia o reputam tão precioso quanto alguns indivíduos de França ao chamado óleo santo.²⁰

É evidente que o cronista estabelece uma relação que diminui o significado atribuído pelos indígenas à sua realidade, uma vez que esse significado é reinterpretado de negativamente através da visão protestante, que enxergava na superstição católica relacionada aos santos óleos.

¹⁸ LÉRY. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. p. 191.

¹⁹ LÉRY. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.p. 102.

²⁰ LÉRY. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.p. 126.

A HISTORICIDADE DAS CRÔNICAS: UM DEBATE SOBRE A CORRELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, CRÔNICA E MEMÓRIA.

O desafeto de Jean de Léry, o frade André Thévet, atribuiu o fracasso da França Antártica à chegada dos colonos calvinistas, e, além disso, também expressou em vários trechos sua posição de católico. Em seu prefácio, ele dedica a obra a um sacerdote católico, ao “Monsenhor, o reverendíssimo cardeal de Sens”.²¹ Relatando sobre os corpos indígenas, Thévet cita uma passagem bíblica:

Confesso – mesmo de acordo com a glosa 13 do livro de Isaías - que existem certos monstros de forma humana (...). Mas, hoje, que Nosso Senhor houve por compaixão de comunicar-se à humanidade, tais espíritos malignos foram rejeitados. Deus transmitiu ao homem o poder contra os mesmos conforme o testamento das Santas Escrituras.²²

Em outro momento, ele diz que o “admirável é que essa pobre gente, embora privada de verdadeira razão e do conhecimento de Deus; seja dada a muitas fantasias, e, sobretudo, à perseguição do diabo.”²³ O não reconhecimento de uma entidade positiva estava vinculado à crença do autor em um único deus. O diabo, que ele identificou, não era uma entidade maléfica da cultura indígena, mas apenas o mesmo diabo que se opunha ao Deus cristão, apenas projetando características de sua cosmogonia cristã na cultura indígena.

Durante sua crônica, Thévet cita passagens bíblicas e menciona diversos eventos e figuras relacionadas ao catolicismo ao longo do livro, além de citar santos e eventos importantes da Igreja Católica. Essas referências identificam que a posição religiosa do cronista se coloca como a principal lente através da qual ele construiu sua narrativa.

Desta maneira, é crucial ter em mente que a partir do pensamento presente, uma nova representação do passado pode emergir, assim como o pensamento presente molda o passado conhecido, e a percepção do passado ocupa o presente. As narrativas de Léry e Thévet foram escritas e publicadas em um contexto que não era o da Baía de Guanabara, mas sim em um ambiente de disputas no campo político e religioso. Na tentativa de dar significação a suas lembranças, até as escolhas em tratar de determinadas temáticas em detrimento de outras, foram realizadas em determinado contexto. E, dessa forma, as memórias narradas por esses cronistas foram atualizadas e reinterpretadas conforme o ambiente em que foram escritas, e cada autor procurou, através dos relatos de suas memórias, legitimar suas respectivas posições religiosas.

Sob essa compreensão, pode-se afirmar que a memória desempenha um papel mais complexo do que simplesmente preservar o passado. Sua função principal reside na capacidade de adaptar e ressignificar o passado, a fim de enriquecer, atribuir novos significados e

²¹ THÉVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1944, p. 33.

²² THÉVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1944, p. 193.

²³ THÉVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1944, p. 210.

influenciar o presente. Nesse sentido, a memória não é um registro estático e imparcial, mas sim uma reconstrução seletiva baseada em percepções posteriores e em signos constantemente sujeitos a mudanças. A memória é um componente vivo e mutável de nossa experiência humana.

Essa compreensão também se relaciona com a disputa sobre a memória coletiva. Influenciados pelas disputas políticas, religiosas e sociais que ocorriam no momento da elaboração e confecção das crônicas, as memórias narradas pelos cronistas ganharam novos atributos e significados. Essa reconstrução seletiva da memória é influenciada pelos elementos simbólicos que permeiam a realidade. Através desses elementos, são demarcados e categorizados os diferentes aspectos das interações sociais. Assim, a memória se torna um processo dinâmico e ativo, moldado pela interação entre o passado e o presente.

É importante reconhecer que essa manipulação da memória não implica necessariamente em distorções intencionais ou falsificações deliberadas. Trata-se, em vez disso, de uma reconstrução subjetiva que ocorre naturalmente à medida que reinterpretamos e atribuímos significados aos eventos passados com base em nossa perspectiva atual.

A Crônica e a Micro-História

No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, um projeto liderado por um grupo de historiadores italianos na coleção *Quaderni Storici*, sob a direção de Carlo Ginzburg, Giovanni Levi, Carlo Poni e Edoardo Grendi, trouxe destaque para a Micro-História no campo da produção historiográfica. Segundo Jacques Revel, a Micro-História não é absolutamente uma técnica nem uma disciplina em si mesma:

[...] ao contrário do que por vezes tentou-se fazer dela: uma opinião historiográfica ávida ao mesmo tempo de novidades e de certezas. Deve na verdade ser compreendida como um sintoma: como uma reação a um momento específico da história social, da qual propõe reformular certas exigências e procedimentos.²⁴

De acordo com Revel, a abordagem micro-histórica permitiu que os historiadores resgatassem uma parte da existência social que havia sido ignorada ou ocultada por outros tipos de historiografia, como a História Social inspirada pelos *Annales*, o Marxismo e o Estruturalismo. Nesse sentido, a Micro-História surgiu em meio a uma crise de paradigmas na

²⁴ REVEL, Jacques. **A história ao rés-do-chão**. In: **Levi, Giovanni. A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII / Giovanni Levi; prefácio de Jacques Revel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 8.

A HISTORICIDADE DAS CRÔNICAS: UM DEBATE SOBRE A CORRELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, CRÔNICA E MEMÓRIA.

historiografia, proporcionando um novo terreno de possibilidades.²⁵

Ao abordar a perspectiva microanalítica, é possível revisitar o passado por meio da análise de sinais aparentemente banais. Essa abordagem permite detectar desvios ou continuidades nas normas estabelecidas, transformando o comum em excepcional. A Micro-História adota uma abordagem heterogênea, oferecendo múltiplas análises que intercalam as estruturas sociais existentes e as práticas individuais. A mudança de escala ampliou as variáveis de observação, tornando-as mais flexíveis, numerosas e complexas, possibilitando considerar aspectos mais diversificados da experiência social.

Por meio da observação em uma escala reduzida, a Micro-História estuda indivíduos ou grupos excluídos da historiografia tradicional. Isso implica uma reconfiguração da noção de tempo e uma renovação no tratamento das fontes documentais, reconhecendo as especificidades dos indícios históricos.²⁶ A partir dessas particularidades, surge a relação entre a Micro-História e a Crônica.

Ao examinar a historicidade da crítica literária no Brasil, percebe-se que o conceito de Crônica, tal como o entendemos como gênero literário, alcança sua maturidade também na segunda metade do século XX. Esse amadurecimento ocorreu principalmente ao romper com sua história como "crítica de rodapé", que tinha como objetivo específico defender ou criticar a produção cultural de sua época. Como aponta José Marques de Melo:

Do ponto de vista histórico, crônica efetivamente significa narração de fatos, de forma cronológica, como documento para a posteridade. A produção dos cronistas foi legitimada pela literatura que a acolheu como representativa da expressão de uma determinada época. [...] Foi nesse sentido de relato histórico que a crônica chegou ao jornalismo.²⁷

Dessa forma, a crônica passou por uma evolução, se distanciando da tradição analítica e se aproximando do formato do ensaio. Através dessa aproximação, uma das principais características da crônica emerge: sua relação com a oralidade:

A essência do ensaio reside em sua relação com a palavra falada e com a elocução oral [...]. É uma composição em prosa (há exemplos em verso), breve, que tenta ('ensaia') ou experimenta interpretar a realidade à custa de uma exposição das reações pessoais do artista em face de um ou vários

²⁵ Cf. REVEL, Jacques. **A história ao rés-do-chão. In: Levi, Giovanni.** A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII / Giovanni Levi; prefácio de Jacques Revel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

²⁶ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:_____. **Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143-180.

²⁷ MELO, José Marques de. A Crônica. In: _____. **Jornalismo Opinativo – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003, pp. 148-162.

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 03 – 20, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

assuntos de sua experiência ou recordações.²⁸

Assim, a Crônica não surgiu originalmente para o jornal, mas ao longo do tempo se tornou uma presença diária, adquirindo uma certa gratuidade e "ar de escrita casual". Com o passar do tempo, também adquiriu um tom humorístico, uma linguagem com a intenção de entreter. Para Antônio Candido, a importância e peculiaridade da Crônica residem nesse seu aspecto de algo desnecessário, um gênero aparentemente menos importante. A Crônica se adapta à sensibilidade da vida, principalmente porque possui uma linguagem que "fala de perto ao nosso modo mais natural de ser"²⁹, e sua falta de pretensão acaba humanizando e conferindo profundidade de significado.

Essa crônica do cotidiano, em sua maioria, não tem a intenção de perdurar, sendo produzida para publicações efêmeras, como jornais. No entanto, quando transcende das páginas dos jornais para o livro, percebemos que sua longevidade pode ser maior do que os próprios autores imaginavam. Antônio Candido acrescenta que essa "longevidade" da crônica é na maioria devido à forma como ela é escrita. Ele argumenta que escrever crônicas requer uma certa comunhão por parte do autor, resultando em uma familiarização que aproxima os escritores das idiossincrasias, singularidades e diferenças. Além disso, ele conclui que a crônica brasileira é sustentada por um diálogo rápido e preciso, um tipo de monólogo comunicativo.³⁰

O cronista descreve a época em que vive, narrando as atividades do dia a dia de pessoas desconhecidas ou famosas, que revelam indícios de uma mentalidade coletiva, eventos e ações que compõem as tramas sociais. Ao abordar festas, peças teatrais, carnaval, monumentos, ruas, conflitos e até mesmo crimes, enfim, qualquer aspecto da vida e da sociedade em pequena escala, a Crônica se transforma em um testemunho de um determinado período, um documento significativo e eficiente para historiadores, trazendo à tona o que frequentemente os textos oficiais escondem ou omitem. Mesmo que o cronista esteja escrevendo para um jornal e para um público específico, requerendo habilidade e controle na escrita, sua liberdade é ampla, uma vez que a narrativa literária carrega consigo subjetividade e elementos fictícios. Além disso, a livre expressão do autor faz parte desse gênero de escrita literária, incluindo a possibilidade de tomar posição política e artística.³¹

²⁸ COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: _____. **A Literatura no Brasil**. V. 6, 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986, p. 16.

²⁹ COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: _____. **A Literatura no Brasil**. V. 6, 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986, p. 16l.

³⁰ Cf. CANDIDO, Antonio. A vida ao Réis do chão. In: **Para gostar de ler: Crônicas**. Volume 5. São Paulo: ÁTICA. 2003, pp. 89-99.

³¹ Cf. SANTOS, Poliana. O Historiador e o Cronista: Um diálogo sobre o tempo e cotidiano. In: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH**. Natal, RN. 2013.
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 03 – 20, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

A HISTORICIDADE DAS CRÔNICAS: UM DEBATE SOBRE A CORRELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, CRÔNICA E MEMÓRIA.

Nos últimos anos, no campo da historiografia, há uma crescente interação entre a Micro-História e a Crônica. Um exemplo dessa conexão pode ser observado no livro *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Peta*, escrito pela historiadora Cláudia Mesquita. Nessa obra, a autora utiliza as crônicas de Sérgio Porto (1923-1968) e de seu pseudônimo "Stanislaw Ponte Preta" para construir uma narrativa cronológica que demonstra como os elementos biográficos se entrelaçam e moldam a obra do cronista. Além disso, a autora também se vale das crônicas para contar a história recente do Rio de Janeiro, destacando, em particular, a decadência de Copacabana e como esse bairro perdeu seu status de "princesinha do mar" para Ipanema.

As crônicas assinadas por Stanislaw Ponte Peta (o lado Zona Norte de Sérgio) se desenrolam no morro dos Pretos Forros, entre os bairros do Meier e Vila Isabel, que perderam o encanto dos tempos de Noel Rosa. Para retratar a Boca do Mato, onde Stanislaw escolheu estabelecer sua família, Mesquita resgata a história desse local e a importância dos bondes na imaginação e na vida daquela região. A autora argumenta que:

Sergio Porto faz uma radiografia de seu tempo. A composição plural, de perfis bem definidos e antagônicos, de seus personagens é representativa dos paradoxos desses tempos modernos. Retratando uma variedade de tipos urbanos, o criador de Stanislaw questiona a pretensa coerência de um carioca típico, pois com tantas diferenças e contradições, não pode ser tomado como um ser uno e imutável.³²

Na sua tese intitulada *O Paraíso dos Ladrões: Crime e criminosos nas reportagens policiais da imprensa (Rio de Janeiro, 1900-1920)*, Ana Vasconcelos Ottoni explorou as representações do crime e dos criminosos no Rio de Janeiro, entre 1900 e 1920, encontradas em reportagens e crônicas policiais. Seu estudo concentrou-se nos crimes cometidos por ladrões e pelos capangas de políticos, amplamente divulgados pelos principais jornais cariocas da época - *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias*. A autora analisou as justificativas para os crimes e as ações dos criminosos, fornecendo um retrato da criminalidade e da imprensa carioca no início do século XX. Ela demonstrou como diferentes representações sobre o crime e os criminosos eram produzidas, muitas vezes divergentes, abordando questões relacionadas à pobreza, ao avanço da civilização, à imigração estrangeira, à raça, às eleições e às deficiências na segurança policial.

A autora também levantou a hipótese de que os jornalistas daquele período buscavam construir uma "ética do silêncio" em relação à cor no período pós-Abolição, assim como

³² MESQUITA, Cláudia. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Peta*. – Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2008, p. 271.
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 03 – 20, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

silenciar sobre as mazelas do passado escravista. Isso resultou, em parte, em uma espécie de "apagamento" das tensões entre os defensores de uma cultura considerada civilizada e europeia e uma população numerosa de origem africana. A própria ausência de referências à cor dos ladrões, frequentemente observada nas notícias e crônicas analisadas, pode ser vista como um indício dessa tendência.

Nesse sentido, temos um exemplo do funcionamento da disputa sobre a memória coletiva e sobre a percepção coletiva da realidade. Essas disputas podem envolver a seleção de eventos a serem lembrados, a interpretação desses eventos, a valorização de certas narrativas em detrimento de outras, o negligenciamento de determinadas informações e a manipulação da memória para atender a determinados propósitos.

Portanto, podemos perceber que os cronistas podem ser considerados narradores do tempo vivido por eles e pelos seus leitores, descrevendo transformações, momentos de continuidade e rupturas. A partir desses relatos, é possível desenvolver uma análise dos aspectos sociais, econômicos, políticos e até reflexões sobre o imaginário coletivo. Nesse sentido, a crônica pode ser utilizada como um documento, ao representar um discurso multifacetado que expressa, às vezes de forma contraditória, um "tempo social" vivido pelos contemporâneos. É um documento que não apenas representa, mas também tece e influencia as transformações do seu respectivo período histórico.³³

Considerações Finais

A relação entre História e Literatura, especialmente no contexto das crônicas, revela-se como um campo de diálogo interdisciplinar enriquecedor. Ao longo do século XX, as transformações no campo historiográfico, impulsionadas pela Nova História Cultural, promoveram mudanças significativas nos métodos e técnicas utilizados pelos historiadores. Essa renovação metodológica abriu espaço para trocas e diálogos com outras áreas do conhecimento, incluindo a Literatura.

Ao estabelecer esse diálogo, é essencial compreender que tanto a Literatura quanto a História são formas de narrativa, mas possuem diferenças fundamentais. A História busca um caráter epistemológico, embasado em metodologias e paradigmas teóricos, enquanto a escrita

³³ Cf. NEVES, Margarida de Souza. Uma Escrita do Tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio. **A Crônica, Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1992.

A HISTORICIDADE DAS CRÔNICAS: UM DEBATE SOBRE A CORRELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, CRÔNICA E MEMÓRIA.

literária possui um caráter anedótico, permitindo ao autor criar situações e personagens para atrair o público. É importante reconhecer que uma obra literária é uma expressão tanto do autor quanto de sua época e de seus leitores, e que a Literatura não pode ser concebida sem considerar sua recepção e o contexto em que foi produzida.

No caso das Crônicas de Viagens, esses relatos desempenham um papel importante na historiografia. Textos como o de Cristóvão Colombo, Bernal Díaz del Castillo, André Thévet e Jean de Léry, ofereceram narrativas detalhadas de suas experiências em terras desconhecidas, descrevendo encontros com povos nativos, aspectos geográficos e peculiaridades culturais. Essas Crônicas de Viagem são fontes valiosas para compreendermos a vida cotidiana dos exploradores, bem como as sociedades que encontraram, além de refletir em seus discursos questões da sociedade europeia.

A História e a Crônica se entrelaçam em diversos aspectos, entretanto, deve-se tomar certos cuidados para a utilização da Crônica como documento histórico. A Crônica, assim como outros gêneros literários, é uma expressão subjetiva e anedótica que reflete os estigmas e as influências do seu tempo e do seu autor. Devemos ressaltar, que a memória não apenas revela o passado, mas também é moldada pelo presente. Ela desempenha um papel essencial na construção de nossa identidade individual e coletiva, e na formação de narrativas históricas. É por meio da resignificação e manipulação da memória que construímos nossa percepção da realidade e damos significado à nossa existência.

Portanto, não podemos considerar a Crônica como uma representação objetiva e imparcial da realidade. No entanto, essas características também enriquecem e aprofundam a compreensão das relações sociais, uma vez que revelam conflitos, tradições e contradições presentes na sociedade.

A Crônica Jornalística, popular, a partir do século XX, também desempenha um papel significativo como documento histórico, possibilitando uma análise ampla das experiências individuais e coletivas ao longo do tempo. Ao focar o cotidiano e os detalhes da vida, a Crônica revela aspectos específicos e dá voz aos grupos marginalizados, contribuindo para uma abordagem microanalítica, uma História vista de baixo para cima. É um convite a um debate complexo e multifacetado, pois, embora utilize indicadores simples ou simplificados, pode revelar representações e ações coletivas que muitas vezes são negligenciadas em outras fontes históricas.

Vale ressaltar novamente, que a memória não é um registro fixo e imutável, mas sim um elemento dinâmico e suscetível a mudanças na experiência humana. Além disso, é

importante destacar que as crônicas não devem ser encaradas isoladamente, mas sim como parte de um conjunto de fontes que complementam e corroboram a compreensão histórica. Ao comparar e confrontar diferentes relatos, é possível obter uma visão mais abrangente e crítica dos eventos passados. Nesse sentido, a Crônica não apenas fornece informações sobre os indivíduos e a sociedade em determinado contexto, mas também permite uma reflexão sobre as dinâmicas sociais, políticas e culturais que moldaram essas experiências.

Quando identificamos a especificidade das experiências humanas no tempo, estamos atribuindo-lhe uma historicidade. Nas crônicas, é possível identificar a historicidade considerando as suas condições produção e recepção, relacionando as narrativas ao seu contexto histórico e social, reconhecendo sua especificidade histórica. Dessa forma, podemos aproveitar todo o potencial da crônica como um valioso recurso para análises historiográficas e sociológicas.

Referências

- AUGRAS, Monique. Imaginária França Antártica. In: PIZARRO, Ana. **América Latina: palavra, literatura e cultura**. Campinas: Unicamp, 1994.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *A vida ao Réis do chão*. In: **Para gostar de ler: Crônicas**. Volume 5. São Paulo: ÁTICA, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa Entre os Séculos XIV e XVIII**. 2ª ed. 1998.
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: _____. **A Literatura no Brasil**. V. 6, 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986.
- DIAS, Ana Paula. **Diário de navegação de Pro Lopes de Souza**: A Representação do real e os filtros de representação. Letras & Letras, Projeto Vertical, 1997.
- DIAS, Ana Paula. **Diário de navegação de Pro Lopes de Souza**: a representação do real e os filtros de representação. Letras e Letras. 1997. Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio39.htm>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, Emblemas e Sinais**. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LESTRINGANT, Frank. De Jean de Léry a Claude Lévi-Strauss: por uma arqueologia de
- Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 03 – 20, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

A HISTORICIDADE DAS CRÔNICAS: UM DEBATE SOBRE A CORRELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, CRÔNICA E MEMÓRIA.

- Tristes trópicos. **Revista de Antropologia**. n. 43, v.2, 2000.
- LESTRINGANT, Frank. **Oficina do cosmógrafo** – A imagem do mundo no Renascimento. Trad. E. Missio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- LÉRY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.
- MELO, José Marques de. A Crônica. In: _____. **Jornalismo Opinativo** – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MESQUITA, Cláudia. **de Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Peta**. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2008.
- NEVES, Margarida de Souza. **Uma Escrita do Tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas**. In: CANDIDO, Antonio. **A Crônica, Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica,
- SANTOS, Poliana. O Historiador e o Cronista: Um diálogo sobre o tempo e cotidiano. In: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH**. Natal, RN. 2013.04.
- THEVET, André. **Les Singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amérique**: & de plusieurs Terres & Isles decouvertes de nostre temps. Paris: Chez les heritiers de Maurice de la Porte, au Clos Bruneau, à l'enseigne S. Claude, 1558.
- THÉVET, André. **Singularidades da França Antártica**. Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1944.